

POLÍTICAS SEXUAIS DA UNÇÃO: “BRINQUEDINHOS”, ÓLEOS E DILDOS NAS FRONTEIRAS DOS EROTISMOS EVANGÉLICOS^{1*}

Lorena Mochele²

Resumo: O que traz sentidos eróticos a um objeto religioso, ou significados religiosos a um objeto erótico? A partir de uma etnografia realizada com pastoras, missionárias e fiéis que revendem e/ou consomem lingerie, fantasias, “brinquedinhos” e “cosméticos sensuais”, reflito neste artigo sobre como mulheres evangélicas vem produzindo tensões nas fronteiras entre aquilo que nomeiam como erótico e/ou religioso. O trabalho de campo foi realizado em circuitos do nascente mercado erótico gospel que incluiu lojas, feiras eróticas e Chás de Mulheres realizados em igrejas pentecostais, visibilizando formas como a agência sexual de mulheres no âmbito do casamento define prescrições sobre objetos e espaços, acirrando disputas por quem e como se fala de sexo nesse contexto. As políticas sexuais em jogo evidenciaram a unção como categoria que relaciona erótico e religioso, tornando-se central para compreender sensações, memórias e estratégias adotadas para driblar riscos de transitar em fronteiras da sexualidade evangélica.

Palavras-chave: Sexualidade; Evangélicos; Erotismo; Sensorialidades.

¹ Este artigo resulta de uma pesquisa financiada com bolsa de doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico do Maranhão (FAPEMA).

² Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: lorimochel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0248-0322>.

* Como citar: MOCHEL, Lorena. Políticas sexuais da unção: “brinquedinhos”, óleos e dildos nas fronteiras dos erotismos evangélicos. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 251-281, 2023.

SEXUAL POLITICS OF ANOINTING: "TOYS," OILS, AND DILDOS ON THE FRONTIERS OF EVANGELICAL EROTICISMS

Abstract: What brings erotic meanings to a religious object, or religious meanings to an erotic object? Based on an ethnography carried out with pastors, missionaries and faithful who resell and/or consume lingerie, costumes, “little toys” and “sensual cosmetics”, I reflect in this article on how evangelical women have been producing tensions on the borders between what they name as erotic and /or religious. The field work was carried out in circuits of the nascent erotic gospel market, which included shops, erotic fairs and Women's Teas held in Pentecostal churches, making visible the ways in which the sexual agency of women in the context of marriage defines prescriptions about objects and spaces, stirring up disputes over who and how one talks about sex in this context. The sexual politics at stake showed the anointing as a category that relates the erotic and the religious, becoming central to understanding sensations, memories and strategies adopted to circumvent the risks of transiting the frontiers of evangelical sexuality.

Keywords: Sexuality; Evangelicals; Eroticism; Sensorialities.

Poderíamos dizer que um dildo não é um “pinto de plástico”, e sim, em que pesem as aparências, um pinto é um dildo de carne.

(Paul Preciado)

INTRODUÇÃO

Na provocação apresentada em seu conhecido trabalho, o *Manifesto Contrassexual*, Preciado (2014, p. 19) nos apresenta aos diferentes usos do dildo registrados em documentos históricos. *Performances* corporais, de gênero e de sexualidade são combinadas aos múltiplos sentidos que já circularam sobre as práticas sexuais em que este instrumento aparece, tornando sua

persistência tão durável nas práticas sociais quanto a constância dos materiais que podem ser utilizados para construir efeitos de sua presença. Em madeira, borracha, cera, couro ou recheado com a carne que compõe braço, perna, seios ou pênis, o autor propõe que o caráter prostético do gênero faz do dildo e de sua “dildotectônica” instrumentos que desorganizam o lugar ocupado pela natureza como ordem estabelecida para os corpos.

Ao rejeitar o dildo como matéria inerte, parodiar o corpo e colocar o pênis como uma dentre múltiplas possibilidades de ser dildo, o trabalho de Preciado questiona limites entre categorias fundantes do que chamamos de sexo. Em vez de carne e plástico, sugere que pensemos na *plasticidade carnal*; corpo e objeto, assim como pênis e dildo, não seriam opostos. Mais do que indicar passagens entre matéria orgânica e inorgânica, Preciado (2018, p. 139) elabora em seu trabalho posterior mais conhecido, *Testo Junkie*, que a diferença entre bio e tecno cria “a aparição de um novo tipo de corporalidade”. A crítica do autor à gestão feita pelo “capitalismo farmacopornográfico” se aprofunda nesta obra e apresenta outras materialidades que deslocam limites estabelecidos para as ficções políticas do gênero e sexualidade, tais como hormônios e secreções corporais.

O diálogo com estes diferentes momentos em que o autor propõe testar seu próprio corpo possibilita compreender modos como usos combinados de matérias orgânicas e sintéticas deslocam dualismos das teorias modernas sobre poder, sexualidade, corpo e religião. As reflexões que conduzo neste artigo apontaram para efeitos da emergência destes novos tipos de corporalidades, bem como a construção de espaços e coletividades religiosas que visibilizam políticas sexuais e de gênero. Há deslocamentos nos modos como pessoas evangélicas vem se relacionando com as “coisas eróticas”³ que convocam a compreender seus engajamentos sensoriais com as coisas,

³ A categoria “coisas” aqui utilizada dialoga com abordagens situadas na chamada “virada material” no campo antropológico (Miller, 1994) e sua incidência nos estudos da religião (Tilley et al., 2006; Menezes; Toniol, 2021).

construindo percepções de mundo que fogem da primazia ocular em constantes reapropriações daquilo que nomeiam como “mundano”.

Através de cenas e narrativas sobre as relações estabelecidas por pastoras, missionárias e fiéis com artigos eróticos durante uma pesquisa realizada entre os anos de 2017 e 2022, analiso discursos sobre a sexualidade evangélica em práticas do cotidiano pentecostal. A etnografia abrangeu a circulação de coisas eróticas em dinâmicas de revenda e nos Chás de mulheres em igrejas evangélicas, apresentando tensões em torno do nicho mais popular entre o público majoritariamente feminino e (neo)pentecostal⁴ deste universo: a “cosmética sensual”. O termo faz referência popularmente à indústria relacionada à beleza e higiene pessoal, abrangendo géis que esquentam e esfriam na fricção com a pele, cremes lubrificantes, “bolinhas explosivas” que liberam óleos de seu interior, entre outros materiais fluidos fartamente encontrados no mercado erótico brasileiro.

Em paralelo ao caráter proibido dos dildos e as ambiguidades dos “brinquedinhos”, a centralidade dos óleos adentra em outras práticas conhecidas de rituais pentecostais. Investiguei, nesse sentido, que tipos de afinidades e ambivalências podem existir na prática da unção com óleo – também chamado de azeite nesse contexto –, para compreender diálogos que mulheres evangélicas estabelecem entre santidade e sexualidade no casamento. As interlocutoras desta pesquisa apresentavam pertencimentos religiosos heterogêneos dentro do pentecostalismo: de um lado, havia quem congregava em diferentes ministérios de denominações como Assembleia de Deus, Batistas Renovadas, Igreja Quadrangular e Igreja Universal do Reino de Deus, assim

⁴ Os parênteses fazem referência ao modo relacional como utilizei os termos pentecostais e neopentecostais ao longo da pesquisa para situar as igrejas pelas quais circulei e os pertencimentos religiosos das interlocutoras. Para além de delimitações institucionais sugeridas para compreender estes movimentos e suas denominações, esta escolha se justifica por meu próprio ponto de partida na pesquisa não terem sido as igrejas, mas os discursos sobre sexualidade, casamento e erotismo. Esta abordagem alocou as mulheres evangélicas e suas mobilizações enquanto parte de projetos e missões (Machado, 2013) que, muitas vezes, não estavam institucionalizados.

como igrejas surgidas de rupturas de pastores advindos da Universal. Do outro, havia as “desviadas” e “desigrejadas”⁵, cujas presenças podem ser pontuais em uma ou mais denominações, frequentando ocasionalmente cultos e festividades que acolhem aquilo que Clara Mafra (2013) chamou de “membros flutuantes”.

As pastoras, missionárias e fiéis que revendem e/ou consomem artigos eróticos eram donas de casa ou atuavam em funções de baixa remuneração, como faxineiras, merendeiras e profissionais autônomas do ramo da estética feminina. Tais cargos eram exercidos de forma combinada ou não a diferentes atuações em funções ministeriais nas igrejas, para o caso de quem exercia sua vida religiosa nos espaços institucionais. Majoritariamente negras e com idades entre 30 e 60 anos, estas são mulheres que afirmam prazeres sexuais no interior do casamento e não se reconhecem coletivamente como parte de grupos que se reivindicam minorias políticas. Seus processos em busca de sacralizarem impurezas e heresias trazem riscos constantemente manejados, dissolvendo dualismos e expondo performances sinestésicas em processos cotidianos de disputas que envolvem os erotismos evangélicos. Através do que compreendo como políticas da unção, exploro nas próximas seções como estes erotismos vem sendo elaborados em articulações da religiosidade com outros marcadores sociais da diferença.

O MERCADO ERÓTICO ATRAVÉS DAS REVENDEDORAS EVANGÉLICAS

Sex shops e “*boutiques* eróticas”, termo pelo qual podem ser mais frequentemente nomeadas lojas que vendem objetos para estimular o prazer sexual, tem se tornado espaços privilegiados para compreender como a sexualidade

⁵ Enquanto “desviada” é um termo êmico que se refere àquelas que se afastaram da opção confessional pelas igrejas evangélicas, “desigrejada” é uma categoria com circulação religiosa mais ampla que costuma designar fiéis que podem circular entre várias igrejas, mas sem se vincular a nenhuma delas.

evangélica vem se transformando nos últimos anos. Majoritariamente voltadas ao público feminino (Gregori, 2016), a linguagem metafórica das boutiques para que casais “apimentem” e “esquentem” seus casamentos se expandiu na última década para a combinação com discursos e práticas sobre a conjugalidade evangélica. Em duas edições das maiores feiras eróticas realizadas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente a *Sexy Fair* e a *Erotika Fair*⁶, acessei uma nascente rede formada por mulheres que consomem e revendem artigos eróticos, buscando em encontros e palestras neste mercado o domínio de pedagogias para inovar performances sexuais e alcançarem o objetivo de “sair da rotina” no casamento.

Também chamadas de “consultoras de casais”, as revendedoras evangélicas de artigos eróticos se tornaram importantes personagens para a circulação destes objetos fora do espaço comercial das lojas. De modo geral, suas vendas por catálogo não incluíam somente marcas eróticas mais conhecidas no mercado nacional, mas dividiam espaço com outras marcas, preferencialmente as de cosméticos. Articulando-se aos emergentes discursos da “cosmética sensual” que circulavam no espaço das feiras eróticas e nos discursos de vendedores(as) deste mercado, o termo ganhou ampla circulação entre quem comercializa objetos destinados aos casais e adentrou o universo de revendedoras evangélicas com quem convivi durante o trabalho de campo. Embora entre a clientela a categoria ganhasse menor repercussão, elas assumiam para si um pertencimento em que venda e consumo eram duas faces da mesma moeda, formando um “espírito empreendedor” que não se concretiza numa equação de soma às relações pessoais, mas só se tornam possíveis através delas (Abílio, 2014, p. 23).

⁶ O trabalho de campo nas feiras eróticas foi realizado nos anos de 2015 e 2017 na *Sexy Fair* e em 2016 na *Erotika Fair*, parte tanto do período de minha pesquisa de mestrado como do pré-campo realizado para a pesquisa de doutorado. Ambas as feiras ocorreram em locais de grande circulação de pessoas, ocupando diferentes andares de prédios destinados às feiras de negócios. Para uma análise da presença evangélica nestes espaços, ver Mochel (2020).

Enquanto universos de sociabilidade significativamente frequentados por mulheres, tanto mercado erótico quanto igrejas encontram no âmbito das vendas diretas uma ponte para fortalecer seus engajamentos. A este respeito, Jacqueline Teixeira apontou para os altos índices de frequentadoras de igrejas neopentecostais como a Universal atuando profissionalmente em áreas relacionadas à estética, sugerindo uma “correlação estabelecida entre prosperidade e cuidado de si” (Teixeira, 2016, p. 36). Acompanhar a circulação capilarizada das revendedoras possibilitou pensar esta pesquisa como contribuição possível a um campo mais amplo de etnografias que questionam o “lugar do religioso” (Sanchis, 2006), ensejando críticas aos “localismos implicados em conceitos como o de campo religioso” (Steil e Toniol, 2013, p. 151).

A elaboração de novas categorias sobre a sexualidade neste contexto não se construiu de modo isolado entre as revendedoras. Combinando-se a estes personagens emergentes no debate público⁷, o surgimento de um nicho no mercado erótico exclusivamente destinado ao público gospel, a exemplo de linhas voltadas ao público evangélico como a “*In heaven*”, foi lançada em 2015 pela marca INTT dialogando com o emergente apelo comercial da “cosmética sensual”. Neste cenário, vocabulários digitais atravessados por *memes* e reportagens sobre um novo mercado em ascensão tornaram a interação evangélica com artigos eróticos amplificadora de antagonismos morais em torno da sexualidade. Grande parte deste alcance trouxe como protagonistas dois lados que se anunciavam como opostos: em um dos polos estavam pastores evangélicos que ocupavam pleitos na política institucional e, no outro, celebridades⁸ da “baixa classe artística” recentemente convertidas ao pentecostalismo (Bispo, 2018).

⁷ Ver Balloussier (2013).

⁸ Sobre isso, ver: “ERÓTICA FÉ...” (2021) e Otoni de Paula (2013).

Imagem 1: Linha de “cosméticos sensuais” lançada por marca de artigos eróticos

IN HEAVEN
A 1ª linha de cosméticos sensuais do mundo para casais evangélicos

*O novo segredo
de um casamento
Feliz*

Esta é uma linha desenvolvida para o casal evangélico com a preocupação de proporcionar momentos únicos entre pessoas que se amam e que pretendem surpreender sempre um ao outro com muito amor!

"In Heaven" entra no mercado como um produto diferente, com linguagem e conceito diferente. É uma linha criada e pensada para ajudar os casais nessa caminhada longa e por vezes difícil que é o relacionamento conjugal.

Seja Feliz com prazer e com "In Heaven"

A linha In Heaven é composta pelo excitante feminino MAIS PRAZER, o adstringente PURE, o retardador e prolongar masculino MAIS TEMPO e um gel pulsante unissex VIBE.

Onde comprar? www.lojainnt.com.br

innt

Fonte: Loja INTT (2015)

Ao mesmo tempo, a criação de novos espaços de consumo erótico destinados ao público evangélico também esteve referenciada em figuras religiosas mediadoras destes dois universos. Conhecidos por suas pregações bem-humoradas em igrejas e grandes eventos de denominação pentecostal sobre sexo no casamento, os discursos de pastores sobre a “vida sentimental” em formato de “aconselhamento para casais”, modalidade de atuação mais

frequente entre lideranças femininas do pentecostalismo (Van De Kamp, 2012), aproximou o mercado erótico de um público religioso interdenominacional consumidor desta circulação midiática. Entre os exemplos mais conhecidos, o destaque para o pastor Claudio Duarte conduziu articulações importantes para a categoria “gospel” enquanto agregadora da formação de uma “cultura evangélica” neste nicho de consumo (Cunha, 2007; Giumbelli, 2007; Belloti, 2009).

O crescimento de figuras religiosas mediadoras ganhou *status* de “viralização” também através de porta-vozes anônimos que se tornaram conhecidos por meio de memes. Chamar a atenção para este fato não é um dado casual; o cenário de emergência destes personagens apresentou formas como o riso atua enquanto mediador central para falar de sexo no campo evangélico. Longe de resumir o humor ao caráter facilitador em que se institui para estabelecer relações nesse contexto, as narrativas que ouvi de mulheres evangélicas ao longo do trabalho de campo indicaram para diferentes emoções provocadas por este fenômeno. Risos que exibiam nervoso, descontração, euforia, surpresa, vergonha, nojo, registravam relações com objetos, pessoas e tempos, forjando circulações e espaços coletivos seguros para falar de sexo.

No que diz respeito às relações com os objetos, as duas últimas emoções, vergonha e nojo, remetiam à presença dos dildos. Preferencialmente chamados por termos como “pênis de borracha” ou “prótese”, estas eram expressões de censura que contrastavam, por sua vez, com o apelo lúdico das cores e formatos de *lingeries*, “brinquedinhos” e fantasias. De modo geral, o grupo dos “brinquedinhos” integrava máscaras que remetem às fantasias carnavalescas, chicotes e pequenos vibradores voltados para a estimulação clitoridiana. Conforme me explicou Rosa⁹, 35 anos, ex-membra de uma igreja Batista Renovada na periferia da capital paulista, os dildos estariam classificados dentro da categoria dos “brinquedos” e oferecê-los às clientes

⁹ Para preservar a identidade das(os) interlocutoras(es), todos os nomes de pessoas e grupos religiosos aqui utilizados são fictícios.

evangélicas remeteria à masturbação solitária, prática associada nesse contexto como pecado.

Os cuidados que se inserem neste processo incluíam “não mostrar nenhum objeto fálico”, não suscitando quaisquer lembranças de algo que “entrasse no meio do casal”¹⁰. Ao contrário do que se sugere como uma “brincadeira”, momento “saudável” para o casal, a presença dos dildos foi descrita por diferentes interlocutoras como “assustadora”, “falsa”, “absurda”. A ideia de “substituir o marido em casa” comparecia como a afronta do “sexo mau” que Gayle Rubin (2017, p. 86) descreveu através de adjetivos que complementam a noção abordada pelas interlocutoras evangélicas: “antinatural, nocivo, pecaminoso e extravagante”; ao mesmo tempo, como descreve Latour (2002, p. 26), também um fetiche, pois o dildo não possuiria nesse contexto a capacidade de “dissimular totalmente sua própria fabricação”.

Em sua argumentação histórica e etimológica dos fetiches, Latour também indicou para caminhos omitidos pela noção de idolatria produzida na colonialidade europeia. As reflexões do autor sobre a expropriação dos componentes sagrados do fetiche que foram destituídos de poder e reduzidos a fenômenos artificiais nos apresentam a outras possibilidades de leitura, visibilizando maneiras como estes são objetos carregam propriedades de “fazer falar”¹¹. Sua abordagem sobre as relações entre pessoas e objetos remete às possibilidades metodológicas de acessar conteúdos que não são facilmente verbalizados por determinados grupos de pessoas, a exemplo das relações entre mulheres evangélicas e coisas eróticas.

¹⁰ Entrevista concedida em novembro de 2017.

¹¹ “Qualquer que seja a raiz preferida, a escolha cominatória permanece; escolha evocada pelos portugueses e recusada pelos negros: ‘Quem fala no oráculo é o humano que articula ou o objeto-encantado? A divindade é real ou artificial?’ – ‘Os dois’, respondem os acusados, sem hesitar, incapazes que são de compreender a oposição. – ‘É preciso que vocês escolham’, afirmam os conquistadores, sem a menor hesitação. As duas raízes da palavra indicam bem a ambiguidade do objeto que fala, que é fabricado ou, para reunir em uma só expressão os dois sentidos, que *faz falar*. Sim, o fetiche é um fazer-falar”. (Latour, 2002, p. 17).

Assim, para além das expressões faciais e gestualidades do riso nervoso sobre os dildos, ouvi também diferentes narrativas sobre os usos de “brinquedinhos” em outros formatos e texturas. Considerados mais “discretos” que a literalidade dos primeiros, o apelo lúdico destes objetos acompanha a emergência de debates sobre o “empoderamento feminino” no campo do entretenimento literário e audiovisual¹², ora simulando itens domésticos encontrados em cozinhas, ora remetendo à praticidade de maquiagens e cosméticos carregados nas bolsas femininas, como batons e chaveiros. Lembrem, ainda, itens infantis, sendo muitas vezes acompanhados de brinquedos em pelúcia. Contrastando com a dimensão proibida dos dildos e os esforços realizados para afastar suas impurezas (Douglas, 2014), a relação com esta nova modalidade de coisas eróticas nos mercados evangélicos ensejam movimentos paradoxais que ora aderem à proibição, ora provocam movimentos de reapropriação daquilo que chamam de “mundano” no matrimônio evangélico.

Revendedoras como Márcia, mulher negra de 36 anos e missionária em uma Assembleia de Deus na zona oeste carioca compartilharam sobre como estes outros pontos de vista destacam “necessidades” que só surgiram após a chegada de “brinquedinhos” eróticos: “Antes só ele se satisfazia e eu não!”¹³. Para a interlocutora, tais necessidades eram conduzidas por um movimento crítico ao modo como antes enxergava o que “a levaria ao orgasmo”. Na relação com os brinquedinhos para potencializar prazeres sexuais, fronteiras de seu próprio repertório religioso foram alargadas para se aproximarem de experiências anteriores à conversão. Como alguém que

¹² Entre alguns exemplos mais recentes que exerceram impactos no mercado de artigos eróticos, destaco os filmes brasileiros da série “De pernas pro ar” (Globo Filmes, 2010, 2012 e 2018), a trilogia norte-americana de livros “50 tons de cinza” e os filmes inspirados na série de TV *Sex and the city*. Ver: Mochel, 2020.

¹³ Entrevista realizada em maio de 2017.

não nasceu em “berço evangélico”¹⁴ e teve seus primeiros contatos com artigos eróticos antes da conversão, usos de coisas eróticas possibilitam mecanismos de reapropriação do “sexo do pecado” para o “sexo na presença de Deus”, “tranquilo” e “saudável” possibilitado pelo casamento com um parceiro também evangélico. Tais agenciamentos, nesse sentido, são feitos através do resgate de práticas sexuais anteriores ao casamento que remetem às memórias de outros tempos vividos em sua sexualidade.

Diante da força das evocações de experiências sensoriais pregressas, falar sobre os usos de coisas eróticas propulsiona memórias que não devem ser esquecidas, mas incorporadas às novas relações. Similarmente à (re) narração do passado nos testemunhos pentecostais, as memórias que vêm à tona sobre experiências sexuais anteriores com os objetos se articulam às experiências presentes com estes mesmos artefatos para provocar movimentos de resignificação do pecado. O resgate destas experiências afetivas da relação com as coisas anuncia o que Tracy Ireland e Jane Lyndon (2016) descreveram como uma capacidade ativa do mundo material de moldar experiências corporificadas e sensoriais de memória e reconhecimento. Sua qualidade permeável desafia limites temporais para resistir à transformação de relações e à duração no tempo (Stallybrass, 2008), proporcionando que outras histórias da vida em santidade possam submergir.

Além de ampliar condições teórico-metodológicas para percorrer classificações da intensa produção de fronteiras nestas sexualidades evangélicas, seguir trajetos das coisas eróticas despertou para outra problemática que envolve seus usos em diferentes públicos. De modo geral, análises sobre objetos utilizados em práticas sexuais costumam projetar um discurso recorrente de que, na relação com as pessoas, haveria um uso metonímico de determinados objetos, no qual estes seriam interpretados como partes do

¹⁴ Esta expressão comum no universo pentecostal costuma designar pessoas que se converteram por “vontade própria”, como ouvi durante o trabalho de campo, fazendo referência a uma socialização familiar a partir de repertórios que não foram evangélicos.

corpo ou experimentados como outra pessoa na cena erótica, muitas vezes recebendo nomes próprios. Tal personificação atinge sobretudo os dildos.

Ao optar por resumir as coisas a uma única unidade de análise, a de “ser pessoa”, estas interpretações acabam restringindo outros sentidos possíveis que revelariam deslizos que a imposição de fronteiras colocadas por este caminho analítico não permite enxergar. Severin Fowles (2016) identifica que esta rígida oposição entre coisas e pessoas opera ativamente entre trabalhos que se propõem a pensar sobre a “agência dos objetos”. A prioridade pelo que o autor chama de “subjetificação dos objetos” nessa virada metodológica construiu uma relação objetificadora que fez com que os objetos se tornassem, por este motivo, “sujeitos/assuntos perfeitos”¹⁵ para a antropologia. Para romper com este “novo fetichismo metodológico”, sigo a sugestão do autor no sentido de parar de humanizar as coisas em nossas análises, na medida em que este processo reduz tanto as pessoas quanto os objetos presentes nestas relações.

CHÁS DE MULHERES E A POLITIZAÇÃO DO RISO

Ao adentrar nas igrejas através de contatos estabelecidos com as revededoras evangélicas, a etnografia nos eventos conhecidos como Chás de Mulheres inseriu a pesquisa em um circuito importante para a compreensão de fronteiras estabelecidas entre erótico e religioso no pentecostalismo. De modo geral, recebem o nome de Chás, Conferências e Congressos de mulheres os eventos em diferentes graus de amplitude realizados em igrejas, lares e ginásios. Frequentei ao longo do trabalho de campo alguns destes eventos, privilegiando para este recorte aqueles nos quais artigos eróticos eram sorteados para presentear as participantes. As regulações estabelecidas para os “kits eróticos”, termo pelo qual eram preferencialmente chamados, contavam com dois critérios centrais: de um lado, utilizar o humor como

¹⁵ Trecho no original: “*Objects emerged, in other words, as anthropology’s perfect subjects because, as subjects, they can so easily be objectified*” (Fowles, 2016, p. 25).

estratégia para argumentar sobre diferenças corporais e de gênero; do outro, classificar objetos através de divisões das mulheres por seu estado civil. Começarei explicando o segundo aspecto.

Chamadas ao microfone por seu nome, suas respostas para a pergunta “é casada ou solteira?” definiam quais objetos cada uma receberia das mãos da pastora Cristiane, mulher negra de 42 anos e principal liderança do “Chá de Mulheres Virtuosas” junto ao seu marido, o pastor Bruno. A reação mais efusiva para a primeira opção acompanhava a entrega daquilo que poderia ser utilizado na intimidade do casal, apresentada enquanto “parte do *sex shop*”; eram calcinhas em tecido e comestíveis, camisolas, bolinhas explosivas, géis, dados que remetem a posições sexuais, chicotes e máscaras¹⁶. Já para as solteiras, categoria que também incluía aquelas que respondiam ser divorciadas ou viúvas, eram oferecidas bijuterias, maquiagens e potes de armazenamento de comida em diversos tamanhos.

Junto à classificação pelo estado civil, as mulheres casadas passavam por uma pergunta adicional assim que eram sorteadas a respeito do tempo de duração do casamento. Quanto maior fosse o tempo, mais cuidadosa era a escolha da liderança pelo objeto que levariam para casa e o investimento nas dicas e orações da pastora para o momento em casal. Já as “sozinhas”, termo agregador para quem não exercesse vida conjugal com um homem, recebiam orações para que conhecessem um “varão” que as correspondesse amorosamente, sendo convocadas a voltar ao púlpito para contarem testemunhos bem-sucedidos após o uso das bijuterias e maquiagens com as quais foram presenteadas.

Com exceção dos potes para armazenamento de comida, todos os itens eram previamente ungidos com azeite/ óleo de unção pela pastora. Os potes,

¹⁶ Os géis podem estar incluídos em diferentes categorias, tendo a função de esquentar, esfriar ou causar sensações análogas à vibração quando em contato com o corpo. Chicotes e máscaras, por outro lado, remetem às fantasias feitas com materiais como couro e látex. Além dos dildos, não havia nenhum tipo de vibrador nos *kits*, ausência que pode apontar para o valor mais alto cobrado neste tipo de material.

chamados nesse contexto pelo nome da marca que os popularizou, a *Tupperware*, eram itens frequentemente entregues como “sobras”, quando outros objetos já não estavam mais disponíveis, indicando que o espaço destinado aos cuidados domésticos, mesmo subalternizados pela presença dos artigos eróticos, ainda exerciam funções importantes nos cuidados exercidos pelas mulheres evangélicas.

Imagem 2: Potes para armazenamento de comida e outros objetos embrulhados em papel transparente, para apresentação feita antes do sorteio ao público.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2017

Imagem 3: Cosméticos, máscaras e *lingeries*, exibidos somente durante o sorteio.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2019

A cena era causadora de certa sensação de continuidade para quem já havia ouvido a pregação da mesma e de outras pastoras convidadas ao culto, ao mesmo tempo em que também acessava linguagens diferenciadoras daquele momento dos anteriores. Isto porque a experiência de estar em um Chá, dia de “festividade” nos espaços que sediam este tipo de evento, era significativamente marcada por transições visuais e sonoras características de outros cultos comuns às igrejas de denominações (neo)pentecostais. Tanto as prescrições que condicionavam a distribuição dos objetos ao estado civil como as passagens de luz, som e farto oferecimento de comidas levadas pelas participantes expressavam modos pelos quais o sorteio designava uma passagem a outro momento de um “ritual performativo” (Tambiah, 1985).

Além da comida, eram elas também quem levavam cosméticos e bijuterias esquecidas nas prateleiras de suas casas, que se complementavam no sorteio aos objetos eróticos comprados pela pastora e suas ajudantes em lojas do centro da cidade. A distribuição destes objetos conferia ritmo aos risos, linguagem que mobilizava as participantes de diferentes maneiras em torno da distribuição dos brindes. Envergonhado ou extrovertido, o riso construía relações que poderiam tanto facilitar como perturbar o cruzamento

de limites das moralidades sexuais e de gênero. Assim, a cada nova sorteada, uma piada sobre seu estado civil ou recente mudança na aparência arrancava risos de nervosismo, surpresa e euforia. Tais emoções, expressas de modo combinado ou não, nem sempre engajava outras participantes da mesma forma e apontava a diversidade desta recepção.

Comentários entusiasmados feitos em voz alta tanto por quem estava na plateia (“a noite hoje vai ser boa, hein?”, “vai com tudo, irmã!”) como ao microfone por quem liderava o sorteio atuavam como os principais desencadeadores de riso. Fernanda, mulher negra de 32 anos e uma das ajudantes responsáveis por liderar o sorteio junto à pastora, relatou sobre como seu comportamento extrovertido costumava facilitar estas interações: “É a minha forma de brincar. Se fosse aquela pessoa séria, pra fazer sorteio, ia conseguir fazer o sorteio de produtos eróticos para evangélicos?”¹⁷.

Durante estas ocasiões, a própria pastora Cristiane também costumava narrar situações cômicas vivenciadas com o marido em suas preparações para a relação sexual, despertando risadas da plateia enquanto seu corpo se movimentava animadamente simulando interações ocorridas na cena. Muitas participantes saíam de seus lugares anteriores para se sentar cada vez mais próximas e buscar ouvir melhor a pastora que, naqueles momentos, optava por não falar ao microfone para que não fosse ouvida pelos homens que esperavam suas esposas em uma sala nos fundos da igreja e com as portas fechadas. Acompanhados pelo pastor Bruno, a participação masculina era animadamente narrada pelas esposas que recebiam presentes da pastora que, também, reforçava com frequência ter recebido boas notícias sobre a performance sexual das mulheres após a realização do sorteio.

As regulações sobre o espaço-tempo do sorteio que se complementavam àquelas sobre os objetos estavam acompanhadas de discursos encorajadores. Os estímulos a “ousar mais” e não ser “crente demais”, principalmente exemplificado pela figura das “assembleianas”, eram constantemente lembrados em referência às mulheres evangélicas que acabavam “perdendo seus maridos

¹⁷ Entrevista realizada em junho de 2017.

para amantes”. Assim, rompimento necessário com este ideal feminino “ultrapassado” ganhava caráter ainda mais pragmático com as sugestões e dicas que a pastora compartilhava, orientando-as a serem criativas, utilizarem “truques” e adaptações para saírem da rotina e se divertirem com seus parceiros: “pega aquela calda de cereja na geladeira, coloca a fantasia de enfermeira e entra no personagem, usa estes artifícios!”, discursou durante um dos Chás ocorrido no mês de agosto de 2017.

Os momentos de jocosidade também forneciam maior liberdade para que a pastora falasse em primeira pessoa, produzindo diálogos com uma plateia que, segundo costumava contar, também estava sempre repleta de “mulheres gordinhas como ela”. Habitar o corpo de uma mulher “gordinha”, “acima do peso” ou “*plus*”, como espontaneamente costumava destacar, era um aspecto sempre lembrado nestes momentos. Ao serem acionados, o uso destas categorias fornecia um senso de reconhecimento mútuo que buscava, através dos usos de coisas eróticas, tornar corpos considerados majoritários naquele espaço também desejáveis.

A escolha destes termos demonstra que estas ressignificações presentes nos discursos da pastora dialogam, para além do espaço do Chá, com setores sociais mais amplos que se articulam aos mercados em questão. Conforme indicou Marcella Betti (2014), “gordinha” e “acima do peso” são categorias de autodefinição frequentemente utilizadas no mercado de moda *plus-size*, geralmente utilizadas no sentido de evitar o uso de termos de caráter pejorativo ou indelicado. Já a segunda se trata de uma categoria clínica e, como explica a autora, pressupõe normas baseadas em recomendações médicas a respeito do “peso ideal”.

Embora as interlocutoras não façam usos bem-humorados da palavra “gorda” ou críticas sobre o eufemismo de termos como “gordinha”, como Betti (2014) indica serem formas presentes de reivindicações de caráter político-identitário, espaços em que se fala sobre sexualidade como o Chá têm proporcionado a elaboração de agenciamentos nas prescrições relacionadas ao tamanho dos corpos femininos. Aqui a presença do riso também se configura elemento importante, na medida em que trivializa as situações que

fazem parte do cotidiano de muitas mulheres evangélicas que se identificam com estes discursos e não encontram este tipo de acolhimento.

Em sua análise sobre os diferentes formatos em que o humor aparece em um grupo urbano de camada popular, Claudia Fonseca (2004) pergunta o que o deboche e outras modalidades que provocam riso sobre o comportamento sexual revelam a respeito das relações de gênero. Expandindo a proposta pioneira de Bakhtin (1993, p. 116) de compreender o que chama de “cultura cômica popular” contida no caráter ambíguo do riso, a autora aponta para a necessidade de repensar estereótipos sobre a liberdade sexual feminina quando descreve casos de interlocutoras que brincam sobre traições de mulheres no casamento ou redirecionam piadas que cerceiam sua liberdade de escolha contra os próprios homens.

De modo distinto ao riso provocado pelos cuidados prescritivos que classificam objetos de acordo com o estado civil das interlocutoras, as relações estabelecidas com artigos eróticos a partir de seus corpos possibilita pensar sobre redirecionamentos morais para driblar o que as subalternizam. Em diálogo com as análises de Fonseca (2004), esta *política do riso* sobre o sexo visibiliza o manejo de riscos, diferenças corporais e desigualdades nas relações de gênero. O lugar ocupado pelos homens, nesse sentido, é frequentemente repleto de deboches sobre terem que “se cuidar” para “dar conta” de esposas que estariam cada vez mais buscando obter prazer nas relações sexuais.

Ao mesmo tempo em que as interações com materialidades eróticas e religiosas autorizam somente mulheres heterossexuais e casadas a falarem de sexo nestes espaços, também as implicam na administração de vocabulários, espaços e repertórios que disputam formas de viver a sexualidade dentro dos princípios bíblicos. Avançando nas perguntas indicadas por Foucault (2011) quando analisou a incidência de regimes de verdade nos discursos modernos sobre o sexo, refletir sobre quem, quando e como se pode falar de sexo no contexto evangélico deve considerar modos como as materialidades eróticas constroem suas próprias políticas e delimitam fronteiras para os discursos sobre o sexo.

AS AMBIVALÊNCIAS DO ÓLEO DE UNÇÃO

Para analisar os percursos dos materiais eróticos nas narrativas das interlocutoras evangélicas, tomei como prioritário considerar a matéria em sua fisicalidade e plasticidade. Esta abordagem foi sustentada na tentativa de superar limitações nas análises que vinha construindo anteriormente sob vieses que não atentavam para o formato fluido, líquido e diluído dos sprays, óleos e outros materiais úmidos e viscosos que constituem as dinâmicas visibilizadas nos trajetos das coisas eróticas. Tal deslocamento proporcionou compreender alguns dos motivos pelos quais os fluidos se tornaram o material erótico mais popular no mercado erótico gospel.

Em seu resgate histórico sobre os dildos citado na introdução deste artigo, Paul Preciado (2014) lembra que um tipo de óleo, o azeite de oliva, também era um elemento associado ao uso deste material desde suas primeiras fabricações na Grécia antiga: “Confeccionado em madeira ou em couro recheado, deveria ser generosamente untado com azeite de oliva antes de sua utilização” (Preciado, 2014, p. 197). Ressalto, nesse sentido, como o imaginário que combina práticas sexuais aos óleos compõe outras vertentes do mercado erótico. A categoria “óleos” e/ou “corpos com óleo” e outras variações são facilmente encontradas em *websites* que disponibilizam vídeos com conteúdo pornográfico explícito na *internet*. Além disso, os usos eróticos de materiais oleaginosos também podem ser encontrados em práticas e materialidades afroindígenas brasileiras como “feitiços”, “mirongas” e “patuás atrativos”, que compõem o que Bruno Domingues (2019) chamou de “cosmoerotismo amazônico”.

Posicionados do lado oposto aos “brinquedos” nas classificações que permeavam essas moralidades sexuais evangélicas, os fluidos da “cosmética sensual” (géis, cremes, *sprays*, bolinhas explosivas) compunham narrativas públicas sobre como salvar o casamento a partir do compartilhamento de estratégias entre mulheres evangélicas. Seja para unção de roupas, fotografias e corpo das fiéis ou como elemento privilegiado para reencantar matrimônios prejudicados pela rotina, os fluidos e suas combinações com

os óleos de unção transitam entre diferentes situações e males que espreitam o cotidiano pentecostal.

Constantemente manifestados através do ato sexual e causando o que mulheres evangélicas frequentemente chamam de “frieza sexual”, estes males são narrados de modo geral como efeitos de amantes que trazem contendas para o casamento e agem utilizando perfumes, “espermatozoides” e outros artifícios para tornar esposas evangélicas desinteressantes. Ao articularem as propriedades religiosas de ungir coisas à “cosmética sensual”, a utilização dos óleos deve conduzir a mulher evangélica a um caminho de “fé estratégica” e “ousadia” para reencantar seus casamentos, apontados nas falas a seguir:

A gente começou a estimular essa mulher, a gente começou a pedir pra que elas trouxessem as lingerie pra serem unguidas, nós entendemos que tem pessoas que fazem bruxarias contra essas mulheres pra afastar o casal, entendemos que a gente pode orar, a gente pode abençoar e atrair o olhar do marido pra quando ele olhar e olhar aquela mulher com aquela lingerie e ver nela ali a mulher da vida dele. (Entrevista realizada com a pastora Cristiane, junho de 2017).

A gente pede pra mulher trazer fronha do marido, roupa, meia. Aquelas meias são tudo unguidas, pra alguns é heresia! A gente começou a observar que aqueles maridos que usavam aquela meia passaram a ficar mais tempo em casa do que na rua. Teve homens que torceram o pé, outros que apanharam da amante... (Pregação de Cristiane no Chá de mulheres, novembro de 2019).

A presença de justificativas bíblicas trazia como principal objetivo enfatizar a separação da prática da unção de *lingeries* e outras peças de roupa do campo das heresias. Esta acusação comum às atividades pentecostais que envolvem o uso de objetos, geralmente definidas como “campanhas” e “atos proféticos”¹⁸, dava visibilidade às estratégias de legitimação adotadas pelas

¹⁸ Para evangélicos pentecostais, as campanhas são ocasiões em que participantes se reúnem para cumprir um objetivo, geralmente relacionado a um tema proposto pela liderança religiosa, tais como vida sentimental, financeira, cura para doenças, entre outros. Entre

mulheres para evitar deslizes. Semelhante ao sentido empregado por Meyer (2019) sobre a circulação de imagens religiosas no contexto pentecostal ganense, deslizes podem provocar sentimentos ambíguos que transitam entre emoções díspares, como adoração e rejeição.

O manejo destes riscos, além das justificativas bíblicas, estava enredado nos usos de dons espirituais. Exercer a “visão”, dom atribuído aos profetas bíblicos, era o principal deles e compreende uma tomada de responsabilidade para que mulheres evangélicas utilizem a unção com azeite como parte das “estratégias que Deus dá”. Ser visionária e ter “ousadia na fé” compõe mobilizações coletivas que implicam em se comunicar com o divino de modos inusitados, experimentados como “loucos” e “corajosos”. Nesse sentido, utiliza-se instrumentos oferecidos por Deus para alcançar objetivos referentes à felicidade terrena, sobretudo aqueles que envolvem intervenções no âmbito da família.

A circulação do óleo como “ponto de contato” (Gomes, 2011), desde suas apropriações como elemento ritual que delimita hierarquias eclesiais e seus “ritos de passagem” (Van Gennep, 2011), até sua imersão erótica na vida íntima do casal heterossexual evangélico, pôde ser tomada nesse contexto a partir de uma opção por não o reduzir a uma materialidade líquida que o assemelharia ao “estado de objeto”, como nos informa Tim Ingold (2012). Nesse sentido, a condição para sua eficácia é estar em ação e movimento contínuos, assumindo formas inesperadas, improvisações em que os pontos de fluxo não se conectam, mas se tornam indiscerníveis. É nesta perspectiva que indico as possibilidades de trânsito que as coisas

as interlocutoras desta pesquisa, o termo também apareceu com usos alternativos aos termos “propósito” e “ato profético”, envolvendo práticas em que se profetiza por ações divinas no mundo e intercessões para casos considerados difíceis. Em geral, é realizado de modo coletivo e, em alguns contextos, também é comum que se agregue à dinâmica da batalha espiritual a execução de atividades específicas para se comunicar com Deus, com a utilização de objetos, “pontos de contato” como peças de roupa, fotografias, óleo de unção, entre outros. As atividades e objetos frequentemente recriam passagens bíblicas e remetem aos usos feitos por apóstolos para operar milagres através da fé.

assumem nesse contexto. Seus fluxos destacam os movimentos proporcionados pela capacidade de “ação da matéria” e sua potência transformadora, que dá lugar a outros sentidos possíveis para compreender os percursos dos materiais entre coisas e pessoas na vida erótica e religiosa.

As múltiplas propriedades conferidas ao azeite também são citadas por Anne Meneley (2008) para enfatizar suas qualidades como “signo” ou, como prefere chamar a partir de uma combinação destes termos, seus “qualissignos”. Algumas delas, como a luminosidade e a falta de miscibilidade na água, oferecem ao líquido efeitos visuais e capacidade de isolamento de outras substâncias, ofertando qualissignos adotados em diversas práticas devocionais: pureza, força, vitalidade e conexão com o sobrenatural. Assim, as propriedades curativas do azeite em rituais religiosos extrapolam os cristianismos e o tornam um valorizado bem de consumo. Elas adentram descobertas científicas que enfatizam curas psíquicas, especialidades na indústria do bem-estar dos óleos essenciais, usos culinários na dieta mediterrânea, entre outros benefícios que se transformam contextualmente.

Este histórico e amplitude de seus usos, por sua vez, não sugere afirmar que haveria um significado universal e imutável nos óleos, nome que a autora afirma ter sido dado genericamente para se referir a líquidos emolientes que não se misturam à água. Ao rejeitar esta qualificação como símbolo dotado de significados, análise vastamente presentes em olhares sobre a religião como crença, Meneley (2008, p. 317, tradução minha) identifica como os atributos materiais do azeite oferecem potenciais sinestésicos que “fazem coisas e exercem funções”, em vez de simplesmente transmitirem conceitos¹⁹. Em diferentes contextos religiosos, estas características não se completam sem experiências que articulam cheiro, gosto e elementos táteis.

O engajamento visceral com os sentidos, além de não constituir uma noção de essência corporal, aponta para formas de regulação do poder que circula por interseccionalidades de gênero e sexualidade, raça e classe. Além

¹⁹ No original, em inglês: “*The qualities of olive oil do not merely convey concepts, they do things, they carry out functions*”.

disso, a relação do óleo de unção com as essências aromáticas é parte de uma tradição cristã²⁰ e, não à toa, compõe um universo que se ocupa em produzir sentidos para as mulheres evangélicas. Durante os eventos voltados a este público que frequentei, o modo como óleos eram dispostos por comerciantes locais se misturava a outros objetos que são alvo do consumo feminino, como as bijuterias.

Imagem 4: Mesa organizada por vendedores comercializando óleos, essências e bijuterias na porta de um evento para mulheres, Zona Norte do Rio de Janeiro, RJ



Fonte: Acervo da pesquisa, 2018

A formulação de “erotismo sagrado” proposta por Bataille (2017) segue inspiradora para identificar como estas fronteiras emergem a partir de tensões que revelaram ambivalências e ambiguidades, características às continuidades entre domínio erótico e religioso exploradas ao longo da etnografia. Para o autor, tanto o erótico como o sagrado desenvolvem-se através de uma

²⁰ Segundo John (1993 apud Meneley, 2008, p. 317, tradução minha), “o óleo de unção é infundido com especiarias e perfumes aromáticos preciosos”. No original, em inglês: “*Anointing oil is infused with precious fragrant spices and perfumes*”.

inclinação que transcende o mundo imediato, deslizando entre ações paradoxais que permitiram a esta análise compreender as diferentes concepções que o erotismo sagrado pode alcançar.

Conforme Giumbelli (2008) chamou a atenção, tanto para esta como para outras reelaborações posteriores às teorias clássicas sobre o sagrado, sua relação com o profano é desinvestida de dualismos e sai de um lugar elevado para se tornar força do cotidiano (Leiris, 2017). Os usos de coisas eróticas possibilitaram refletir sobre a rentabilidade do clássico par sagrado e profano para formulações antropológicas sobre religiosidades evangélicas, além de indicarem como as articulações interseccionais que emergem destes usos criam outras disputas morais no âmbito do casamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou explorar as dimensões materiais dos erotismos evangélicos a partir das experiências de mulheres que consomem e/ou revendem artigos eróticos. Ao acompanhar seus trajetos nos circuitos pelo mercado erótico e em eventos pentecostais como os Chás de mulheres, dinâmicas que envolvem classificações de objetos, tempos e espaços destacaram modos como mulheres evangélicas vem constituindo espaços específicos para falar sobre sexualidade e rompendo com modelos de feminilidade como os “assembleianos”, ultrapassados aos projetos de incentivo em que são guardiãs de seus matrimônios.

A proposta dos dildos de romper com a relação dual do casal os torna, não à toa, a materialidade mais ausente das interações evangélicas em questão. Os perigos de sua plasticidade carnal, situados em termos como “falso” e “absurdo”, expõem interditos de possibilidades que não devem ser exploradas. As zonas pecaminosas da substituição da genitália dos maridos supõem afrontas à própria dimensão de um prazer sexual que, para estas mulheres, deve ser concretizado sempre de forma compartilhada com seus parceiros. Nesse sentido, são artigos eróticos que permitem ser espalhados como os

óleos, e disfarçados como os “brinquedinhos”, que recebem engajamentos nos circuitos pedagógicos das revendas eróticas e Chás de mulheres.

Para além de se apresentar como fronteira entre público e privado, esta circulação de artigos eróticos indicou modos como a sexualidade pentecostal se torna parte de uma gestão coletiva da conjugalidade e domínio a ser compartilhado no espaço público. A presença de aspectos sensoriais e memórias construídas sobre as coisas não são meros apêndices neste processo, mas compõem percursos que se somam a elementos como o riso e as prescrições sobre o corpo para conformar o que aqui chamei de políticas sexuais da unção. Humor, sexualidade e desejo ambientam transformações em jogo sobre prazer, ressignificando imaginários evangélicos sobre a satisfação sexual no casamento heterossexual e monogâmico.

Buscando ir além das disputas jurídicas historicamente destacadas nos repertórios de estudos feministas sobre as conjugalidades, as interações evangélicas permitiram refletir sobre outra dimensão em cena: as disputas espirituais. Por meio do que nomeiam como “visões”, “profecias”, “revelações” e da elaboração de estratégias que incorrem em ter “ousadia na fé”, mulheres evangélicas vêm visibilizando estas disputas através da criação de limites em que a sexualidade é um risco iminente que deve ser tanto explorado quanto contido. Ao materializar a unção, as interlocutoras promovem transbordamentos desta categoria para além de seu sentido religioso, exibindo o caráter erótico nas políticas em torno das conjugalidades.

As teorias sobre materialidades também permitiram, por sua vez, identificar modos como a gestão do sexo nesse contexto está distanciada da hipótese repressiva que conduz análises salvacionistas sobre mulheres evangélicas como sexualmente reprimidas. Em vez de reforçar fronteiras que as definem como “conservadoras” e outros estereótipos que percorrem representações sobre suas moralidades sexuais, busquei identificar como elas vêm agenciando limites entre erótico e religioso. As considerações inconclusivas e em constante aperfeiçoamento abordadas neste artigo buscam contribuir com diálogos críticos à noção de secularização religiosa com estudos de gênero, sexualidade e materialidades. Considero, ainda, poder avançar

em propostas coletivas destes estudos indicando deslocamentos críticos no campo evangélico ao enfoque predominante nos efeitos dos chamados conservadorismos.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. *Sem maquiagem: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos*. São Paulo: Boitempo, 1 ed., 2014.

A SÓS. Disponível em: <https://produtosasos.com.br/a-sos/>. Acesso em 22/03/2021.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. *Revendedoras de produtos eróticos chegam ao público evangélico*. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/09/1335423-revendedoras-de-produtos-eroticos-chegam-ao-publico-evangelico-veja.shtml>. Acesso em 19/06/2023.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o Reino dos Céus: mídia evangélica infantil e o supermercado cultural religioso no Brasil (Anos 1950 a 2000)*. *História*, v. 28, n. 1, p. 621-652, 2009.

BETTI, Marcella Uceda. *Beleza sem medidas? Corpo, gênero e consumo no mercado de moda plus-size*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BISPO, Raphael. *Na corrente midiática da fé: comunicação de massa e dinâmicas contemporâneas do testemunho evangélico*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 24, n. 52, p. 249-277, 2018.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaios sobre a noção de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2014.

ERÓTICA FÉ a nova linha gospel. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min). *KonoRafaelDa*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8xr-x8x-Wjo>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOWLES, Severin. The perfect subject (postcolonial objects studies). *Journal of Material Culture*, v. 21, n. 1, p. 9-27, 2016.

GIUMBELLI, Emerson. Lojas de artigos evangélicos: uma pesquisa sobre consumo religioso. *Ilha: Revista de Antropologia*, v. 7, n. 1-2, p. 213-236, 2007.

GIUMBELLI, Emerson. A sacralidade do desencanto: observações sobre dois conceitos célebres. *Caminhos*, v. 6, n. 1, p. 45-52, 2008.

GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INTT. [website]. [Acervo da pesquisa. Tela capturada pela autora em 2015]. Disponível em: <https://www.lojaintt.com.br>. Acesso em: 30/06/2015.

IRELAND, Tracy; LYNDON, Jane. Rethinking materiality and memory. *Public History Review*, v. 23, p. 1-8, 2016.

JOHN, Jeffrey. Anointing in the New Testament. In: DUDLEY, Martin; ROWELL, Geoffrey (ed.). *The Oil of Gladness: Anointing in the Christian Tradition*. Colleagueville, MN: The Liturgical Press, 1993.

LATOURE, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: Edusc, 2002.

LEIRIS, Michel. O sagrado na vida cotidiana. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 18, n. 31, p. 15-25, 2017.

MACHADO, Carly. “É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 13-36, 2013.

MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo. Introdução. In: MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo (org.). *Religião e Materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2021.

MENELEY, Anne. Oleo-signs and quali-signs: the qualities of olive oil. *Ethnos*, v. 73, n. 3, p. 303-326, 2008.

MEYER, Birgit. “Há um espírito naquela imagem”: imagens de Jesus produzidas em massa e outras formas de animação protestante-pentecostal em Gana. In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

MILLER, Daniel. Artefacts and the meaning of things. In: INGOLD, Tim. (org.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres: Routledge, 1994.

MOCHEL, Lorena. Colidindo epistemologias feministas no sex shop de uma favela carioca. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global*. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PAULA, Otoni de. Sex Shop Gospel é pecado? [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (4 min). *Otoni de Paula*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-XTtS90228>. Acesso em: 15/01/2023.

- PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- RUBIN, Gayle. Pensando o sexo. In: RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? Entrevista com Pierre Sanchis. *IHU*, 30 nov. 2006. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/2049-o-campo-religioso-sera-ainda-hoje-o-campo-das-religoes-entrevista-com-pierre-sanchis>. Acesso em: 7/05/2023.
- STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. A crise do conceito de religião e sua incidência sobre a antropologia. In: BÉLIVEAU, Verónica Giménez; GIUMBELLI, Emerson (coord.). *Religión, cultura y política en las sociedades del siglo XXI*. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2013.
- TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. *Culture, Thought, and Social Action*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias – Navegação Cultural, 2016.
- TILLEY, Christopher; KEANE, Webb; KÜCHLER, Susanne, SPYER, Patricia; ROWLANDS, Michael (org.). *Handbook of Material Culture*. Londres: Sage Publications, 2006.
- VAN DE KAMP, Linda. Pentecostalismo brasileiro, “macumba” e mulheres urbanas em Moçambique. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto; RICKLI, João (org.). *Transnacionalização religiosa: fluxos e redes*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

Recebido em: 20/06/2023

Aprovado em: 18/08/2023

